

## Meu Passado me Condena!

Ok, respirar fundo, um dois, um dois.

Eu estou me comportando como uma idiota. Mentalmente, estou agindo como se eu estivesse pedindo pra uma das várias pacientes grávidas que dão entrada no Pronto Socorro pra ficarem calmas.

Mas eu não estou grávida, e o mesmo método certamente não se aplica a mim! Eu nem sei porque eu estou agindo desse jeito. Quero dizer, tudo bem, eu não piso naquela cidade faz alguns (3) anos. E, é, eu tenho alguns assuntos pendentes e muita gente que eu não quero ver.

Mas pelo amor de Deus, em três anos as pessoas esquecem das coisas. Sério. Mesmo Araçatuba, com seus pouco mais de 181 mil habitantes, deve ter mais assunto pra falar do que a minha adolescência.

Além do mais, não é como se todo mundo fosse perfeito. Quero dizer, quem não comete erros quando é jovem? Eu certamente faço parte do time que só fez coisa errada! Mesmo assim, não é como se todo mundo fosse, sei lá, enfiar o dedo na minha cara e me chamar de vagabunda.

Porque eles não vão.

Então porque eu ainda sinto como se estivesse dando a luz?

- Amor, tudo bem? – Victor coloca a mão, preocupado, na minha testa. Eu devo estar com uma cara péssima.

Ou talvez sejam só os instintos médicos dele. Sabe como é, a gente se conheceu na faculdade. Ele faz medicina, eu faço enfermagem. Tudo ali do lado.

- Eu sabia que a gente devia ter dirigido! – ele exclamou, já checando pra ver se eu parecia anêmica – Pelo menos eu podia parar se você se sentisse mal!

- Eu não to me sentindo mal! – afirmei.

Mas era uma mentira das grandes! Eu estava me sentindo muito mal. Mas não tinha nada a ver com o fato de o ônibus estar chacoalhando pra valer. E sim com a plaquinha indicando que Araçatuba estava logo ali, na próxima saída.

- O caramba! Você está pálida! – Victor insistiu, mas eu apenas virei o rosto em direção à janela, contemplando a vista que eu não via a anos – Karine!

- Eu to legal, só estou cansada! – suspirei – Foram mais de seis horas de viagem. É claro que eu estou podre de cansada!

- Nós já estamos chegando, fica tranquila.

Amor, me desculpe, mas essas foram as piores palavras que você poderia ter dito!

O ônibus entrou em ruas que eu não reconhecia mais, enquanto meu estômago dava uma volta. De repente, toda aquela decisão me parecia inapropriada. Eu não estava pronta. Eu nunca estaria pronta. Eu devia ter ficado em São Paulo, sentada na minha república, estudando ao invés de pedir uma folga no Hospital das Clínicas pra vir passar o Carnaval em família.

Mas não, eu era boba e me deixei derreter pelas palavras melosas da mamãe Idira, dizendo que não me via há tanto tempo e que ia fazer uma panela cheia de arroz doce se eu fosse passar esse feriado lá.

O que realmente não se faz. Quando o arroz da Mãe Idira entra na jogada, o papo passa de pedido a chantagem. É bom demais para ser recusado.

E pra completar toda a minha insanidade mental, eu pensei que essa realmente seria uma ótima oportunidade pra apresentar meu primeiro namorado de longo prazo à minha família. Quero dizer, eu já estava com o

Victor a quase um ano e meio. Eu nunca fiquei com ninguém mais de um mês – mentira, duas semanas.

Exatamente o motivo pelo qual ele deveria ser poupado disso tudo caso tudo desse errado.

Ah, meu Deus, a rodoviária. Estamos chegando na rodoviária.

ESTAMOS ESTACIONANDO!

Eu vou morrer. Eu vou morrer, eu vou morrer, eu vou morrer!

- Chegamos, amor!

Tremendo, eu desci do ônibus. Victor me olhava com uma cara preocupada, e eu só podia imaginar o que ele estava vendo e pensando sobre a minha atual situação. Não que ele soubesse. Victor não sabia de nada. Absolutamente nada. E eu torcia pra que continuasse desse jeito.

E lá estava minha família me esperando. Mãe Idira, meu pai, minha irmã Cássia e uma barriga redondinha saindo dela.

- Ah, meu Deus, você está grávida! – foi a primeira coisa que eu berrei quando saí do ônibus. Logo, meu mal estar ficou pra trás e eu corri a abraçá-la.

- Ah, meu Deus, eu estou! – Cássia gritou no meu ouvido.

Porque minha irmã mais velha era oito anos mais velha do que eu, casada à quase sete anos e tentando engravidar a pelo menos cinco anos. Eu não tinha mais fé que ela fosse conseguir. Contudo, aí estava meu sobrinho – ou sobrinha – sendo gerado!

Mas eu não tive muito tempo pra curtir a barriga dela. Logo, papai apareceu e me deu um abraço apertado, demonstrando mais saudade que animação por me ter de volta.

- Você está tão diferente! – ele me disse, apertando meus ombros. Eu sorri, e então Mãe Idira veio me abraçar.

Ela não era minha mãe de verdade. Idira estava casada com o meu pai desde que eu tinha dez anos, dois anos depois da minha mãe morrer de câncer de mama. Mesmo assim, ela era tão boa pra nossa família que acabou se tornando minha segunda mãe. Minha Mãe Idira.

- Menina, que linda que você está! – ela passou as mãos no meu rosto. Mãe Idira já era agora uma senhora de quase sessenta anos, assim como o meu pai. Mas enquanto minha primeira mãe tinha os meus cabelos castanhos claros, o meu rosto redondo e os meus olhos caramelados, combinando com a pele que não era nem muito branca nem morena, minha Mãe Idira era morena, alta e troncuda, os cabelos que um dia foram castanho escuros já nascendo mais grisalhos.

Só então me lembrei que Victor estava comigo.

- Ah, esse é o Victor, meu namorado. – apresentei, indo pro lado dele – Ele faz faculdade de medicina no mesmo campus que eu.

Victor sorriu e os cumprimentou. De olhar pra ele, ninguém diria que não tinha cara de médico. Victor era alto, de aparência alegre, branquelo e um belo par de óculos que parecia pertencer ao seu rosto magro. Tinha cara de inteligente. E eu me orgulhava dele.

Uns minutos de conversa, eu e Victor pegamos nossas malas e logo estávamos apertados no Fiesta Sedan do papai, voltando pra casa. O fato de que minha irmã estava grávida de cinco meses e eu não sabia mostrava que eu não sabia mais nada sobre a minha própria família. Ainda assim, não pude deixar de ficar surpresa quando a casa onde meu pai estacionou não se mostrou nada igual ao pouco que eu me lembrava.

- Quando você se mudou? – eu perguntei, temendo que as minhas coisas tivessem sido perdidas. Papai e Victor se adiantaram para o porta-malas enquanto eu ajudava Cássia a sair do carro.

- Faz mais ou menos um ano. – ele me respondeu – Eu te contei pelo telefone. Não lembra?

- Ahn, não. – admiti, com uma careta.

Mas a casa nova era bem legal. A última coisa que meu pai tinha aberto mão no processo de superar a sua morte, pelo visto, era a casa onde os dois haviam morado desde o casamento. Mãe Idira nunca se importou e tenho certeza de que não tinha sugerido que eles deixassem pra trás aquela construção velha e mofada, trocando pela casa nova, de externo amarelado e uma garagem maior. Me deixava feliz que meu pai tivesse tomado essa decisão.

- Não se preocupe, nós separamos um quarto pra você. – Mãe Idira me garantiu, e eu respirei aliviada. Só ela mesmo pra lembrar de salvar os meus pertences deixados pra trás. Meu pai era sempre tão distraído que ele jogaria fora as próprias roupas sem perceber.

- Mas o Victor dorme na sala. – meu pai afirmou, em tom autoritário. Eu dei de ombros.

- Tudo bem por mim.

Victor me lançou um olhar interrogativo. Aparentemente não estava assim *tão* bem pra ele.

Porque o negócio entre mim e o Victor é que nós dois namoramos há um ano e meio, moramos numa república, somos adultos, vacinados, conscientes e...

Nunca transamos.

Pronto, falei.

E é, não é nada demais pra algumas pessoas – como ele vive me dizendo, quando acrescenta que não se importa em esperar – e um grande monstro problemático pra outras. Metade das minhas amigas na faculdade diz que eu sou maluca.

Não que eu me importe. Quero dizer, eu, acima de todas as pessoas, não devia me importar com o que dizem de mim.

Mas a teoria é sempre mais simples que a prática.

Ainda mais quando você é uma garota de 20 anos e seu namorado tem 22. Isso soa muito pior do que se nós dois fôssemos namoradinhos de colegial.

De qualquer jeito, eu não queria pensar nisso. Não agora. Não quando eu tinha problemas do tamanho de caminhões desgovernados enterrados naquela cidade.

Principalmente, não quando eu estava entrando em casa e sentindo o perfume do melhor arroz doce do mundo.

- Ah, meu Deus, você fez! – eu gritei, já abandonando as malas na sala e procurando pela cozinha.

- É no final do corredor. – Mãe Idira indicou, rindo de mim – E eu prometi, não prometi?

Achei a cozinha. Um espaço não muito grande, dominado pelo cheiro delicioso que saía da panela. Dei um gritinho de animação.

Acho que eu conseguiria sobreviver por uma semana, afinal de contas.

Eis o meu pensamento profundo do dia:

Pais não servem pra dar sugestões.

Porque o meu simplesmente resolveu que eu não devia ficar olhando pras paredes da casa nova no meu primeiro dia, e sugeriu que eu e Victor fôssemos dar uma volta, pra eu relembrar os velhos tempos e mostrar a cidade a ele.

O pior foi que eu não tive como escapar disso. O Victor pareceu perfeitamente confortável com a idéia, e eu certamente levantaria todas as suspeitas do mundo se dissesse que não queria ir. Além de soar completamente ridícula se eu dissesse toda a verdade: que eu não queria ir porque não queria encontrar ninguém.

Porque, afinal, quem não quer encontrar velhos amigos?

Bom, eu não quero. Eu me virei muito bem sozinha esses últimos anos sem eles. ELES, leia-se bem.

Ainda assim, lá estava eu, numa tarde quente típica de Araçatuba, rondando o bairro e tentando forçar minha memória a reconhecer por onde eu estava passando. A verdade é que eu me lembrava das casas mais antigas, mas as ruas, os carros, as pessoas, tudo parecia tão diferente!

Então, andando e andando, nós acabamos de frente ao Colégio Bom Pastor.

Que era apenas a escola em que eu havia estudado a vida inteira antes de prestar vestibular e sair correndo.

E quando eu parei e fiquei olhando as paredes ainda tão iguais do lado de fora, Victor me deu um sorriso meigo.

- Você estudava aqui. – ele adivinhou. Eu assenti.

Na minha cabeça, uma centena de coisas estava passando como um filme. Momentos engraçados, momentos felizes, momentos de desespero, momentos...

- Ainda é igual ao que eu me lembro. – eu disse, tentando puxar pra fora do filme da minha vida certas cenas que eu não achava legal ficar lembrando.

- Se não fosse feriado, a gente conseguiria entrar! – Victor exclamou, e eu dei de ombros.

- Tanto faz. Acho que seria pior se a gente entrasse.

Ele me olhou com uma cara confusa, mas antes que pudesse perguntar por que, eu vi alguém surgindo atrás dele.

Alguém de cabelos cacheados enormes e tingidos de ruivo, com uma camiseta vermelha que dizia BLOCO DAS FANFARRONAS em letras amarelas, e um shorts tão curto que marcava o que não devia.

Eu sabia que não devia ter vindo!

- AH, CACETE! – a garota gritou, parando logo atrás do Victor, que virou correndo de susto – KARINE MEDEIROS, EU NÃO ACREDITO QUE VOCÊ VOLTOU, SUA CRETINA!

É, oi pra você também!

Mas eu estava do lado do meu namorado, e por mais que eu quisesse cavar um buraco no asfalto e enfiar minha cabeça fundo o bastante pra achar uma mina perdida de ouro, eu apenas sorri e fingi surpresa.

- Anita! – eu exclamei, abrindo os braços. Ela me deu um abraço fedendo a suor, cigarro e cerveja – Caramba, quanto tempo!

- Sua piriguete, achei que nunca mais fosse te ver! – então lançou os olhos maquiados pra Victor – E quem é esse pedaço de mau caminho?

- É o Victor, meu namorado. – respondi, com um sorriso envergonhado pra ele. Victor apenas riu de volta.

- NAMORADO O MEU CU! – Anita gritou de repente, causando meu coração disparar – Se você tá namorando, então eu dei pro Gabriel! Você lembra do Gabriel, né?

- O que você tem feito desde que terminou o colegial? – resolvi perguntar, quase tremendo, com medo de que a situação ficasse, bem, ainda PIOR do que já estava.

- Ah, eu estou trabalhando como recepcionista num hotel. – de repente, ela puxou um cigarro do que eu esperava ser o bolso de trás do shorts e o acendeu – Paga uma mixaria! Agora sério, bisca, por que você não avisou que estava vindo? Eu ia juntar toda a galera se eu soubesse!

Talvez seja porque eu estava tentando evitar justamente isso?

Ok, ela está bêbada. É perdoável.

- Sério, você tem que aparecer no Yacht Clube, tá tendo uma festa louca lá, vai durar o carnaval todo! – Anita continuou, entre tragadas de cigarro e jogar fumaça na nossa cara – Está demais. Prometa que vai aparecer!

- Eu vou tentar. – menti. Eu não tinha nenhuma intenção de passar a menos de dez quilômetros daquele clube.

- Eu te vejo lá! Te adoro!

Então se foi, trançando as pernas.

E eu troquei um olhar nervoso com Victor, já começando a andar.

Eu estava errada. Encontrar a parte feminina do meu passado também não era nada legal.

- Quem era essa? – Victor quis saber. Por que é que todo mundo fica curioso quando pessoas aparecem gritando na rua? Ele podia ter guardado as perguntas!

- Ah, Anita. – eu respondi, com um sorrisinho amarelo – Eu estudei com ela no colegial.

- Wow, ela xinga todo mundo assim mesmo?

“Só quando ela sabe que está falando a verdade”, eu pensei. Mas ao invés disso, eu disse:

- É. Mas ela estava meio bêbada.

- *Muito* bêbada! – ele riu – Por que ela não acreditou que você estava namorando?

- Ah, você sabe que você é o meu primeiro namorado. – *tecnicamente*, acrescentei mentalmente.

- Ah, é. Timidez, né?

- É.

Eu vou pro inferno quando eu morrer. Eu vou pro inferno e vou assar até virar churrasquinho pra pagar todas as mentiras que eu conto.

Mas como eu poderia contar a verdade a ele?

Então eu apenas continuava mentindo.

Voltamos pra casa enquanto eu queria me enterrar viva.

Almoço.

Eu, meu pai, Victor e Mãe Idira estávamos à mesa.

Eu estava torcendo pra meu pai não fazer nenhum comentário sobre os tempos de colégio. Nenhuma pergunta do tipo “ela te contou de quando comprou briga com a professora na sétima série?” pro meu namorado, porque aquele era o tipo de coisa capaz de arruinar a imagem que eu tinha criado pro Victor.

Pelo menos Mãe Idira me entendia. Ela já tinha captado muito bem a mensagem de que, pro Victor e até pra mim mesma, a Karine era uma garota simpática, calma, tímida, esforçada e carinhosa. Durante todo o dia, eu tinha feito o máximo pra fazer meu pai entender isso também.

Mas aparentemente o receptor de mensagens mudas dele está quebrado.

Deve ser por isso que eu não tive (muita) vontade de gritar quando ele respirou fundo e perguntou, olhando do Victor pra mim:

- E aí, o que vocês fizeram até agora?

Mas eu não tive tempo de responder. Na verdade, eu mal pude abrir a boca, porque enquanto eu pensava num jeito bom de colocar as coisas, meu namorado sorriu e respondeu, com aquele poço de educação que lhe cabia:

- Andamos pela cidade, fomos até a escola da Karine, e encontramos com uma amiga dela do colégio.

Nessas horas é bom ter um namorado que não gosta de falar. Mas ao invés disso, eu me apaixonei bem pelo mais extrovertido, educado, paciente e adorável garoto dentro do campus da minha faculdade. Em momentos desesperadores, eu quase me arrependia pelo meu coração tê-lo escolhido. Quase.

- Ah, é mesmo? – meu pai disse, animado. Eu lancei um olhar desesperador na direção de Mãe Idira, mas ela tinha se levantado pra pegar água – Quem?

- Ana... Aninha... amor, qual era o nome dela?

Por que ele tinha que me trazer pra dentro daquela conversa?

- Anita. – respondi, tentando não ficar vermelha. De raiva ou de vergonha eu já não sabia bem.

- Anita Martins? – meu pai me perguntou. Eu concordei com a cabeça – Aquela moça é uma perda. Dizem por aí que só vive em festas e bebendo, que chega a cair na rua, vergonha da família!

- Ela realmente não parecia muito bem. – Victor concordou, antes de pegar mais um pouco de feijão.

- E no colégio não era nada melhor! – meu pai continuou – Eu nunca entendi como você conseguiu ser amiga dela. Um mau exemplo daqueles. – e olhou pra mim.

Ah, pai, se você soubesse...

Mas então, Mãe Idira veio ao meu resgate, sentando à mesa e perguntando:

- Gostou da comida, Victor?

- Muito boa, Idira. – ele sorriu.

Mas meu pai tem sérios problemas em manter-se quieto. Ele mudou o rumo da conversa, contudo, pra minha felicidade.

- E o que vocês pretendem fazer hoje à noite?

Eu e Victor nos olhamos. Ele deu de ombros.

- Não planejamos nada. – meu namorado respondeu por nós dois. Então meu pai resolveu que sugerir seria uma boa idéia e soltou:

- Por que vocês não vão na festa de carnaval do Yacht Clube? – ele disse. E eu desejei afundar a cabeça no lugar mais próximo – Dançar, encontrar seus amigos? Aposto que tem um monte de gente que você quer que o Victor conheça.

Ah, não, na verdade.

- Eu não sou muito de dançar. – murmurei, só pra descobrir que meu pai se lembrava de algumas coisas que ele não deveria.

- Você adorava dançar quando era mais nova! – ele apontou. Ruborizei, mas mantive os olhos fixos no meu prato.

- Nós estamos cansados da viagem. Acho que seria melhor ficar em casa. – tentei de novo. Mas dessa vez, foi Victor quem me cortou.

- Eu posso agüentar. Não estou tão cansado assim. – ele disse, com um sorriso que só quem pensa que está agradando consegue dar – E vai ser legal encontrar seus amigos. Você não vê ninguém há tanto tempo, tenho certeza de que você está com saudades.

Quase engasguei com essa. Dei uma tossidinha, e engoli. Tentei pensar em algo pra dizer, mas não conseguia. Eu não queria que parecesse que eu estava fugindo de alguma coisa – porque eu estava. Fugindo aos gritos, na verdade. Fugindo pra sempre, ou enquanto eu pudesse.

De preferência pra sempre.

Então eu respirei fundo, forcei um sorriso e concordei, dizendo:

- Então vamos. Vai ser legal.

Na verdade não vai ser legal. Não vai ser nada legal. Eu tenho certeza absoluta.

Como sempre acontecia quando era sobre mim, eu estava certa.

Dois minutos depois de termos entrado no Yacht Clube, eu já queria sair. Isso porque havia uma banda tocando músicas no estilo micareta, um bar servindo drinques e cerveja, e milhares de pessoas pulando, dançando, beijando na boca e se embebedando.

Exatamente como nos meus anos nada dourados.

De início, eu não consegui avistar ninguém que eu conhecia. Então respirei aliviada e circulei um pouco, de mãos dadas com o Victor. Pelo menos três garotas tentaram chegar nele, afastadas apenas pelo meu olhar de cão de guarda furioso e alerta.

Mas minha cabeça ainda gritava coisas do tipo “isso vai dar problema!” e “o que diabos você veio fazer nessa cidade, pra começo de conversa?”. Eu me sentia pior a cada passo que eu dava. Estava com vontade de me atirar pela janela e sair correndo pra rodoviária, pegar o primeiro ônibus de volta pra segurança da minha república, onde ninguém jamais saberia de nada.

Mas assim que eu olhei pro lado, distraída por alguma coisa que eu pensei que o Victor tinha tido, percebi que eu nunca mais poderia tentar enterrar aquela Karine de novo. Percebi que a nova Karine seria incapaz de encobrir um passado vergonhoso de quem ela amava, porque a verdade estava bem ali.

Trombando comigo.

- Ah, descul...

Oh, não. Oh, Deus, por favor, não!

- Eu te conheço?

A voz era a mesma. O braço enorme com uma tatuagem gigantesca de uma cruz virada de cabeça pra baixo era a mesma. O cabelo meio loiro, meio ruivo, e o corpo truncado, tudo era igual.

- Eu acho que não. – menti, com um sorriso amarelo. Então me apressei pra dar o fora dali, arrastando Victor comigo, mas mal tinha dado três passos antes que o rapaz trovejasse, acima da música:

- Karine! Karine Medeiros!

Porcaria!

Pense rápido numa mentira. Pense, pense!

- Sou eu, Wellington! – ele disse, e eu tive que virar de costas, torcendo pra não parecer à beira das lágrimas. Porque eu estava – Bom, na escola todo mundo me chamava de Húngaro. É você, não é?

Se eu estivesse sozinha, eu diria alguma coisa do tipo “não, meu nome é Bernarda e eu vim do planeta Zorb”, antes de sair dali o mais rápido que eu pudesse.

Mas essa era a velha Karine. A nova Karine era calma, centrada e sincera. E, mais importante, a nova Karine estava acompanhada do Victor, que acreditava que ela era completamente calma, centrada e sincera, sem nada a esconder.

Por isso eu dei um suspiro que soou levemente derrotado (eu espero que não  *muito* derrotado) e falei:

- É, sou eu. – fiz uma pausa, pensando em algo pra dizer que não soasse desesperado nem clichê – Nossa, quanto tempo!

- Você sumiu! – Wellington exclamou, e eu olhei pra Victor, que parecia completamente confortável com a situação – Eu achei que você, de todas as pessoas, seria aquela de quem eu sempre teria notícias.

- Ah, é? – eu me atrevi a indagar naquele tom de “por quê?”, e me arrependi logo depois.

- Ah, você sabe, todo mundo sempre falava de você. Se tivessem paparazzis em Araçatuba, eles iriam atrás de você.

Obrigada. Muito obrigada mesmo.

- Cidade pequena é assim mesmo. – disfarcei. Victor não pareceu ter pego nada demais, mas ele era muito quieto. Eu não saberia dizer.

E enquanto eu pensava num jeito de escapar, de simplesmente dar uma desculpa perfeita e cair fora dali, Wellington pareceu perceber a presença ao meu lado e estendeu a mão.

- Ah, desculpa. Eu sou o Wellington. E você é...?

- Victor. – meu namorado respondeu, sempre simpático, aceitando o aperto de mão – Namorado da Karine.

- Namorado? – ele pareceu tão surpreso quanto Anita parecera naquela manhã. Aquilo sim o incomodou – Há quanto tempo? Duas semanas?

- Um ano e meio. – eu respondi, meio amarga, lançando um olhar bem voraz pra ver se ele captava a mensagem de “eu vou matar você” que eu estava tentando transmitir.

- Um ano, cinco meses e duas semanas, na verdade. – Victor respondeu, com um tom já não tão amistoso. Eu sorri pra ele e dei um apertão na sua mão.

- Isso é um recorde! – Wellington brincou, embora eu bem soubesse que ele tinha todos os fundos de verdade – Não sente falta dos velhos tempos?

- Eles são só isso. – afirmei – Velhos.

- Então ta. – ele consultou o relógio – Agora eu tenho que ir.

Só que, pra minha surpresa, após mais um aperto de mão com Victor, ele me abraçou. E, no meu ouvido, ele disse:

- Se quiser lembrar dos velhos tempos, eu ainda moro na mesma casa.

Não. Eu acho que não!

Ele então me soltou e foi embora. Eu fiquei ali, como uma estátua, pasma e sem saber o que fazer. Ao meu lado, Victor olhava com uma cara desconfiada pra direção onde ele desaparecia entre as pessoas. A música alta e os seus olhos por trás das lentes dos óculos foram o que me levaram a piscar e voltar a mim.

- Eu e você... – ele me avisou – Vamos ter uma conversa séria.



Essa não!

Eu não estava ferrada. Nada disso. Quero dizer, era uma situação completamente explicável, certo? Eu só tinha que sentar com o Victor e contar as coisas bobas do meu passado, tirar a dúvida de cima dele.

O problema é que eu teria que inventar coisas bobas, porque não tinha nada de bobo no meu passado com o Wellington.

Então o que eu ia fazer? Nós estávamos voltando pra casa em silêncio mortal, quebrado apenas pelos poucos barulhos da cidade. Eu estava com o coração na mão e o Victor não parecia nada feliz.

Oh, meu Deus, como eu tinha sido estúpida de tê-lo trazido até ali! Como eu tinha sido burra em acreditar que três anos eram suficientes!

Pra piorar, às oito da noite de uma noite de carnaval, tinha gente na rua. E não qualquer tipo de gente. Mas sim aquele tipo de gente que senta na varanda com os vizinhos pra apontar pros outros e falar da vida alheia.

E eu vi muito bem apontarem pra mim. E as caras chocadas. E os cochichos.

- E eu achando que nunca ia voltar! – ouvi uma senhora comentando. Tentei me lembrar do nome dela, mas não tinha conseguido – Vergonha da família!

- Não lembra do que a dona Lourdes disse? – a outra senhora acrescentou – Que ela fugiu?

- Mas fugiu de quê?

Apressei o passo e puxei Victor comigo. Não apenas porque aquilo estava me deixando furiosa, mas porque eu tinha medo do que ele poderia escutar.

Dona Lourdes. Maldita Dona Lourdes. Ela e sua filha fofoqueira quase tinham acabado comigo no meu último ano em Araçatuba. Perto da formatura, aquelas desgraçadas estavam por aí falando da minha vida. Falando do que não deviam.

Aquelas cadelas! Não era a toa que eu tinha...

Não. Nada disso. Velha Karine falando. Ela não existe mais. Eu sou outra agora. Respira.

- Elas estavam falando de você. – Victor afirmou, quando dobramos a esquina. Porcaria!

- Não estavam não! – exclamei. Não convencia nem a mim.

- Só tinha a gente passando na rua, Karine! – ele insistiu, e eu bufei.

- Elas são velhas fofoqueiras, falam de todo mundo. E geralmente inventam coisas.

- Você está muito estranha desde que a gente chegou! – ele segurou meu braço e me parou – O que você está escondendo de mim?

- Eu não estou escondendo nada! – exclamei, quase suplicando pra que ele acreditasse – Eu nunca escondi nada de você!

Tsc-tsc, resposta errada.

- Ah, não? Tem certeza?

Droga, Victor, não faz isso comigo!

Mas quando eu abri a boca, o que saiu foi um trovão.

Não de mim. Do céu.

E no segundo seguinte, estava chovendo. Pingos grossos, que caíam como bombas.

Eu olhei pra cima, feito uma boba, enquanto mais pingos caíam e mais trovões soavam.

E logo estava chovendo muito. Uma verdadeira tempestade. Olhei pro Victor, que parecia um cachorro molhado, e ri.

- Do que você está rindo? – ele me perguntou, confuso.

- Você tá com cara de cachorro molhado! – respondi, entre risos. Ele riu também.

- Ah, é? Você também!

E bagunçou meu cabelo. Eu dei um gritinho e comecei a correr.

Logo, ele estava correndo atrás de mim, dois bobos, na chuva, com sorte sem lembrar sobre o que estavam discutindo.

Aleluia!

Eu havia conseguido fugir por hora apenas. Enquanto Victor tomava banho, eu matutava o que fazer na sala. Porque ele podia ter se distraído, mas não havia esquecido.

E se eu inventasse uma ligação maluca de última hora me lembrando de um trabalho pra depois do feriado que eu não havia feito? A gente teria que voltar correndo pra casa, e no meio da suposta correria, ele com certeza acabaria esquecendo do que tinha ouvido e visto naquele último dia.

Mas eu não queria mentir pra ele. Embora eu estivesse mentindo de qualquer maneira. Deus, como era difícil lidar com aquilo tudo. Mais uma vez, amaldiçoei meu cérebro e suas idéias ridículas que só me metiam em problemas desde que eu me entendia por gente.

Eu estava sentada em posição e expressão de agonia no sofá da sala quando Mãe Idira chegou e se sentou ao meu lado. Ela cheirava a roupa limpa e perfume de almoço na mesa, como sempre. Sorri só de tê-la ao meu lado.

- Me diz o que aconteceu, menina. – ela pediu, passando a mão no meu cabelo. Me aconcheguei ao seu lado e encostei a cabeça no seu ombro.

- Encontramos o Wellington na festa, Idira. – bufei. Ela suspirou, já entendendo tudo.

- Victor ficou com ciúmes? – quis saber. Eu fechei os olhos, como se isso fosse me fazer desaparecer do mundo.

- Não teria ficado se o Wellington não tivesse dito besteira! O Victor tá desconfiado, Idira!

- Sabe, eu nunca entendi porque você não contou a verdade pra esse menino.

- Porque... – hesitei, então me sentei direito e olhei pra ela – Porque com ele eu sou uma pessoa diferente. Eu sei daqui porque tudo o que eu fiz me condena, e eu não sou essa garota pra ele.

- Você era só uma criança...

- Não! – interrompi, enojada de mim mesma – Eu sabia muito bem o que eu estava fazendo.

- De qualquer modo... – Mãe Idira prosseguiu – Você deveria contar. Ele ainda amaria você.

- Mas não me veria mais como a mesma pessoa. – afirmei, a voz fraca. Mãe Idira balançou a cabeça e fez um murmúrio desaprovador.

- Você não é uma boneca de porcelana. Ninguém é perfeito. – ela sorriu pra mim, os olhos me encorajando – O que você fez ontem te levou a ser quem você é hoje. Conte a ele. Vai te poupar muitos problemas.

Então se levantou e saiu.

Ok, então eu talvez seja uma covarde. Ou uma namorada muito ruim. Eu não sei que adjetivo ruim alguém escolheria pra me classificar, mas seria bem provável que todos estivessem certos.

Porque ainda que eu tivesse escutado o conselho de Mãe Idira, quando Victor saiu do banho e veio até a sala, eu fingi que estava dormindo.

E continuei fingindo, mesmo quando ele me pegou no colo e me levou até o meu quarto, me pôs na cama e me cobriu.

Pobrezinho. Ele merecia saber. Ele merecia alguém melhor do que eu com ele. No mínimo, alguém mais corajosa que eu.

No dia seguinte, prometi a mim mesma, eu esclareceria tudo.

Mas o dia seguinte veio e se foi. E eu não abri a minha boca.

O Victor, eu sabia, estava bem longe de ter esquecido o ocorrido. Eu via a acusação nos olhos dele, a dúvida no seu jeito de falar, as suas tentativas frustradas de conversar comigo. Mas a toda hora, eu arranjava uma desculpa diferente pra fugir do assunto.

Passei a manhã toda revirando meu antigo baú com ele. Era um móvel pequeno, de criança, onde ficavam minhas fotos e cartas antigas, a maior parte coisas sobre a minha mãe. Contei pra ele mais do meu passado, mas meu passado em família. Contei da criança que eu tinha sido e da história por trás de cada foto e de cada cartão, tentando ao máximo distraí-lo e fazer com que a tarefa nos tomasse o dia todo.

Então almoçamos, e quando meu pai anunciou que ia ao mercado, eu já me prontifiquei a ir junto. Disse que estava com saudades de fazer compras, que na república era sempre tudo corrido, com comida instantânea. Arrastei Victor comigo, e metade da tarde se passou enquanto nós andávamos por corredores cheios de produtos e gente que apontava pra mim e falava.

Me senti como uma celebridade, e não gostei nem um pouco. Quanto mais eu tentava escapar, percebi, mais os problemas corriam atrás de mim, gritando, como se fizessem questão de serem notados.

E quando eu digo gritando, eu quero dizer *literalmente* gritando.

- KARINEEEEEEEEE!

Oh, não. Anita. De novo.

Me virei, sem graça, pronta pra dar uma risadinha totalmente sem vontade e pedir pra ela parar de gritar, mas tinha um único problema que me fez cair o queixo ao invés de dizer alguma coisa.

Anita não estava sozinha.

E aparentemente não tinha abandonado as velhas companhias.

Porque ela estava dentro de um carrinho de supermercado (eu sei!!!), sendo empurrada por duas garotas que eu conhecia e sendo seguidas de perto por outro cara que eu também conhecia.

Eu devia ter ido embora enquanto podia, eu percebi, logo de cara. Agora sim eu estava ferrada.

Victor parou ao meu lado e observou a cena, de braços cruzados. Meu pai continuou andando, virando momentaneamente com o barulho que meus (ex) amigos estavam produzindo. E logo ali estavam eles, na minha frente.

- Oi, Anita. – eu cumprimentei, com o meu falso sorriso reservado somente às peças totalmente dispensáveis do meu passado.

- Piriga, saca só! – ela saiu do carrinho com dificuldade e passou os braços pelos ombros das meninas que empurravam o carrinho – Tenho certeza de que você se lembra delas.

O que eu posso dizer? Que adoraria não ter do que me lembrar?

- Oi, Priscila. – cumprimentei a primeira, mais gordinha e menos morena do que eu me lembrava, com um breve aceno – Oi, Ítala. – e dei outro aceno pra artificialmente ruiva, porém ainda assim bonita. As duas sorriram pra mim.

- Quanto tempo! – Priscila exclamou, daquele jeito estranho e anasalado dela de falar.

- Quando a Anita disse que tinha te encontrado, a gente não acreditou! – Ítala disse, então, animada – Eu nem acredito que você voltou, tipo assim, depois de dar as costas pra todo mundo por tanto tempo.

Obrigada, Ítala, agora meu namorado vai achar que eu tenho motivos pra me esconder e/ou que eu sou uma pessoa muito ruim. Ou talvez as duas coisas.

- Eu não virei as costas pra ninguém. – me apressei a negar, olhando nervosamente pra Victor. Ele estava me encarando com olhos cheios de perguntas.

- Me engana que eu gosto! – Ítala riu-se, mas me distrai dela quando Anita apareceu puxando o braço ainda fino do cara que, na minha época, costumava ser o moreno mais desejado da cidade.

- Olha só quem está aqui! – ela disse, como se tivesse descoberto a América.

- E aí? – o rapaz acenou, com o seu sorriso de comercial de pasta de dente.

Anos atrás, eu morreria por aquele sorriso. Anos atrás, eu devolveria um sorriso nada ingênuo pra ele, do tipo que pergunta “você vai me beijar ou o quê?”

Mas hoje, quando ele veio até mim e me deu um beijo na bochecha, a vontade que eu tive de me enterrar viva não tinha nada a ver com o fato de ele ser muito bonito, nem inegavelmente gostoso. E sim com o fato de ele ainda existir pra complicar a minha vida.

- O Tim tava ali atrás, pensando no que dizer pra você! – Anita disse, com uma piscadela. Victor pareceu virar pedra ao meu lado.

- Ele disse que sentiu *muito* a sua falta! – Ítala disse, enfatizando o muito de um jeito que só ela sabia fazer. Então Priscila deu uma risadinha travessa.

- *Muita* gente sentiu *muito* a sua falta, se é que você me entende! – ela apontou. Eu quis que a terra se abrisse pra me engolir. Mas Tim deu uma risada rouca e se virou pra mim.

- Não ligue pra elas. – e pôs a mão no meu braço, como se ignorasse o fato de que tinha um *cara* ao meu lado, segurando a minha mão – Vai ficar aqui muito tempo? A gente podia dar uma saída.

Hm, não, a gente *não* pode dar uma saída.

- Na verdade, eu vim só passar os dias com o meu namorado – E olhei pra Victor com um sorriso. Ele pareceu gostar – Em casa.

A mudança no cenário foi imediata. De repente, três rostos (Anita já sabia) olhavam pra mim, incrédulos.

- Eu falei! – Anita exclamou, estendendo a mão direita, a palma pra cima – Podem ir me pagando!

- Namorado? – Tim fez uma careta, então deu dois tapinhas no ombro de Victor – Cara, boa sorte com isso!

E, no minuto seguinte, estavam indo embora.

Sabe, talvez, só talvez, eu devesse considerar ficar trancada dentro do meu quarto pelo resto do feriado. Acho que seria mais seguro pra saúde do meu relacionamento.

Fugi do Victor o resto do dia. Inventei mil desculpas pra não ficar perto dele. Seu estado passou de desconfiado pra completamente putado da vida. Eu estava perdida.

Manhã do terceiro dia.

Eu só precisava sobreviver mais dois dias inteiros. Na noite do dia seguinte, eu já estaria indo embora com o Victor, e tudo seria esquecido. Pra sempre. Deixado pra trás pra nunca mais nos incomodar.

Exceto que, naquela manhã magnificamente ensolarada e abafada – como tantas outras manhãs naquela época do ano, que faziam o interior paulista parecer um deserto – a campainha tocou um pouco depois de todos em casa estarem de pé, e Mãe Idira abriu as portas pra uma visita nada especial e completamente inesperada.

- Dona Lourdes, que surpresa! – escutei minha madrastra falando, e meu corpo enrijeceu. Victor me lançou mais um dos tantos olhares desconfiados só naquela manhã, e eu tentei disfarçar, mas só tinha um pequeno probleminha.

O QUE AQUELA VELHA RABUGENTA ESTAVA FAZENDO NA MINHA CASA?

E tudo bem, ela me odeia. E eu até posso concordar que ela tem motivos suficientes pra isso, e que a nossa birra uma com a outra vem de anos, e ela tem todas as razões pra me aborrecer o quanto ela queira por isso. Mas ainda assim eu me pergunto, *por que diabos* ela estava fazendo aquilo?

- O que a senhora faz aqui? – ouvi Mãe Idira perguntar, os passos e vozes cada vez mais próximos da sala, onde eu estava fingindo ver televisão com o meu namorado.

- Ouvi dizer que *ela* estava de volta. – aquela voz rouca e irritante respondeu, enfatizando o “ela” com certo ar de desgosto – Eu precisava ver pra crer.

Então elas alcançaram a sala, e aqueles olhos semicerrados e enrugados me encararam mais uma vez.

Maldita.

- Oh, e acompanhada de um belo rapaz. – observou, se aproximando, me fazendo tremer – Como de costume. Garotos vêm e vão como o tempo, não?

Eu não abri minha boca. Eu estava com vontade de chorar e gritar e mandá-la embora dali.

- Esse é o Victor. – Mãe Idira apresentou, e ele, ao meu lado, apenas acenou brevemente – O namorado da Karine.

- Namorado? – ela zombou – Tai uma novidade. – então virou-se pra Victor, apontando um dedo magro e enrugado pra ele – Segure firme essa garota. Ela costuma ser meio... instável, quando se trata de rapazes.

- Ah, mas as coisas mudam! – exclamei, de repente, abrindo um sorriso irônico que não atingia meus olhos – Tenho certeza de que a senhora me entende, dona Lourdes.

- Não, eu acho que não. – a velha retrucou – Quem nasceu com vocação pra rua nunca vira freira, minha mãe sempre dizia.

- Nunca dei muita atenção aos conselhos dos mais velhos.

- Deveria. Quem sabe assim seria mais educada com as pessoas a que deve esse respeito.

- E talvez não gostasse tanto de me meter onde não sou chamada. Mas, espera um pouquinho. – parei, com um falso ar pensativo – Acho que essa é a senhora.

Ela me olhou, furiosa. Eu levantei, encarando-a de um jeito como eu não olhava ninguém há anos. Eu não sabia se aquilo fazia com que eu me sentisse bem ou não.

- Cuidado, menina. – ela me alertou – Só porque eu fiquei quieta antes, não quer dizer que eu ficarei agora.

- Agora já não faz mais diferença. – blefei. Mas acho que ela sentiu o tremor na minha voz, porque olhou para atrás de mim, para Victor, e sorriu de um jeito malvado.

- Tem certeza? Eu gostaria de saber, se fosse ele. Saber com que tipo de garota da vida eu estou me envolvendo.

Filha da...

- Saber do quê? – Victor interveio então, fisdado pela isca certa de dona Lourdes. Ela foi se afastando, o sorriso malicioso ainda preso nos lábios.

- Pergunte a ela. – então nos deu as costas – Até logo.

Ah, meu Deus. Ah, meu Deus, meu bom e piedoso Deus.

Agora ferrou tudo!

No minuto seguinte, eu sentia que o olhar de Victor pra cima de mim podia me furar. Seus olhos ampliados pelas lentes dos óculos só faziam piorar a sensação de que ele queria me estrangular – mas não sem antes tirar aquela história a limpo.

E agora, o que eu ia dizer?

- Karine, vem comigo um instantinho. – ele pediu, educado demais. Me limitei a assentir com a cabeça e segui-lo, até o quarto de hóspedes, onde ele estava.

Então nós entramos e ele fechou a porta. À chave.

Se ele fosse meu pai, aquele era o momento onde eu ia tomar uma bronca, umas boas palmadas no bumbum e um castigo. Mas aquele era Victor. Eu não sabia o que esperar de um cara completamente pacífico que estava evidentemente no limite dos seus nervos. Com uma raiva no rosto que não cabia ali.

Engoli a seco o desespero e a vontade de chorar, e me sentei na beirada da cama, de costas pra porta. Ele continuou andando de um lado pro outro, me deixando ainda mais nervosa, ansiosa.

- Eu não costumo ser paranóico. – Victor começou a dizer – Eu não implico com nada, eu confio em você e tento evitar problemas. Você sabe disso.

- Eu sei. – murmurei. Nem tenho certeza de que ele escutou, porque ele estava de costas pra mim, a cabeça encostada no vidro da janela.

- Só que você conseguiu me tirar do sério, Karine. – continuou, fazendo meu coração apertar – Você e essa cidade inteira, que parecem saber mais da minha namorada do que eu sei! Eu não agüento mais ver todo mundo falando de você, dando indiretas, e eu não saber do que se trata!

- Me desculpe! – eu comecei a dizer – É que...

“O que?” seus olhos me perguntavam. E por dentro eu repetia a mesma pergunta. O que? O que eu iria dizer a ele? Que outra mentira eu iria inventar pra encobrir tantos podres da minha história?

- É complicado. – soltei. Não era uma mentira. Mas também não era toda a verdade.

- Então descomplique, Karine. – ele afirmou, cruzando os braços de um jeito bravo – Eu só quero ouvir de você o que você tem pra me contar. Sem rodeios.

- Victor, tem coisas que aconteceram que eu não me orgulho, ok? – eu disse, a voz saindo meio aguda de desespero, me levantei e fui até ele, pondo as mãos sobre seus braços cruzados no peito – Me diz, é errado querer esquecer as coisas ruins que aconteceram comigo?

- Não é errado. – ele me respondeu – Mas se eu não souber da verdade agora que eu tenho certeza de que você mentiu, eu nunca vou poder confiar em você de novo.

- E se eu contar a você, você nunca mais vai me ver como a Karine de novo. E eu não quero isso! Eu quero voltar pra casa e ainda ter você comigo, do jeito como sempre foi!

- Karine... – ele bufou e soltou os braços, colocando as mãos nos dois lados do meu rosto – Eu não vou te julgar. Eu prometo. Confie em mim pra eu poder confiar em você!

Eu hesitei, por um segundo. Um flash de tantas coisas vergonhosas da minha adolescência em Araçatuba passou pela minha mente, coisas que eu queria esquecer, coisas que eu teria que contar.

Então eu baixei a cabeça e suspirei.

- Eu não... consigo. – sussurrei.

Foi o suficiente pra ele me soltar, abrir a porta do quarto e sair, furioso.

Fiquei esperando, mas ele não voltou.

Sai de casa e dei uma volta no quarteirão. Ele não estava em lugar nenhum. Fiquei pensando onde poderia estar, solto numa cidade que ele não conhecia. Então me lembrei que era interior, e não a cidade grande, e relaxei. Voltei pra casa e sentei na cozinha, observando enquanto Mãe Idira fazia o almoço.

- Ele saiu daqui espumando. – ela comentou.

Como se eu não soubesse.

- Aquela baranga velha já devia ter morrido! – amaldiçoei, num sussurro. Mãe Idira me lançou um olhar repreensivo.

- Não se diz isso de ninguém. – afirmou, então suspirou – E eu sei que ela foi maldosa em vir aqui tripudiar em cima de você. Mas você teria evitado muita briga se simplesmente tivesse *contado* a ele.

- Não é assim tão fácil...

- Eu sei que não é. Mas sabe de uma coisa, Karine?

- O quê?

- Se você realmente o ama, vai ser corajosa o bastante pra entregar a ele todo o seu passado. E se ele te ama, nada do que você disser fará diferença.

Eu não disse nada. Eu estava com uma pedra no estômago e um nó na garganta, incapaz de argumentar e explicar a ela que era uma decisão tomada, que eu não ia falar nada.

- Confie em mim. – disse, então – Um dia, vocês ainda vão rir disso. Tudo depende do que você fará agora.

Foi então que Victor entrou pela porta da cozinha. Não parou, não falou, não olhou na minha direção. Apenas entrou, tão rápido quanto tinha saído. Fui atrás dele, mas ele bateu a porta na minha cara.

Encostei a testa na madeira fria da porta, tentando elaborar alguma coisa pra dizer. Mas o que eu poderia falar? Pedir desculpas? Ele não ia me escutar, eu sabia disso. Como sempre, o segredo com Victor era esperar que ele se acalmasse.

Então eu esperei.

Meia hora depois, a porta dele estava aberta. Entrei, mas ele não estava no quarto. Sobre a cama, sua mala, e tudo o que ele havia trazido sendo organizado.

Meu queixo caiu, e eu olhei pra trás quando escutei passos. Era ele. Por um instante, eu não consegui perguntar nada. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto assisti a Victor enfiando as coisas na mala.

- O que você está fazendo? – eu perguntei, a voz indignada, o cérebro se recusando a aceitar o que meus olhos estavam vendo.

- Eu vou embora. – ele afirmou, como se não fosse completamente óbvio – Eu pensei muito, e resolvi que é melhor assim.

- Como assim “é melhor”? – eu quase gritei, e segurei as mãos dele. Victor deu um suspiro impaciente – Não precisa ser desse jeito, Victor, por favor!

- Eu achava que não precisava, Karine, mas você não me deixou outra escolha! – ele desvencilhou suas mãos de mim e parou, olhando pro chão. Quando olhou de novo nos meus olhos, parecia decepcionado.

- Victor... – eu chorei. Ele balançou a cabeça e enfiou a última camiseta dentro da mala, fechando o zíper em seguida.

- Você sabe que eu te amo, Karine. – então pegou a mala e passou a alça no ombro – Mas eu não consigo ficar com você se você não confia em mim. Me desculpe.

Então ele me deu as costas e saiu. E eu fiquei ali, parada, presa ao chão, sem saber o que fazer, o que dizer. Apenas deixei que ele fosse.

Dez minutos se passaram, e eu só percebi que estava chorando, sentada na cama ainda desarrumada quando ouvi Mãe Idira me chamando pra almoçar.

Então mil coisas passaram pela minha cabeça.

Me lembrei da Karine que eu gostava de esconder. De tudo o que ela tinha feito, e do quanto gostava disso, de sentir a adrenalina de estar fazendo tudo errado. Então, me lembrei do pior momento da minha vida, que me abriu os olhos pra tudo. Me lembrei da vergonha, da raiva, da dor. O rosto que eu vi no espelho a última vez que tinha estado em Araçatuba era a lembrança que, eu achava, me motivava a ser diferente.

Só que aí, eu cheguei na faculdade, quieta, com medo, vivendo numa república cheia de meninas malucas. Não pude evitar um sorrisinho ao me lembrar do dia em que conheci Victor ao entrar numa sala errada, e logo outras boas lembranças vieram: nosso primeiro beijo, seu pedido de namoro, nossos melhores momentos juntos.

Foi então que eu percebi que o rosto envergonhado que eu deixara pra trás três anos antes não tinha nada a ver com quem eu era hoje. Talvez tivesse no começo, mas já havia quase um ano e meio que aquela lembrança não fazia mais diferença. Estava enterrada junto com o meu passado. O que me motivava agora era outra coisa.

Era ele.

E eu o estava deixando dar as costas pra mim daquele jeito. Eu estava deixando que ele fosse, quando eu podia resolver tudo de uma maneira



simples e rápida, que apenas me causaria dor por algo que já havia passado. Como eu havia me tornado tão burra? Até que ponto eu permitiria que o meu passado destruísse a minha vida? Já não tinha sido suficiente?

Então me levantei e, sem avisar ninguém ou sequer pegar a chave de casa, eu corri atrás dele.

Corri que nem uma maluca em direção à rodoviária. Eu me lembrava vagamente de onde era, e, na maior parte do tempo, apenas segui placas e indicações. *Deus, permita que eu chegue a tempo*, eu repetia na minha cabeça. Ele não pode ir embora, eu não posso deixar que ele me deixe desse jeito, por tão pouco!

Eu estava arfando, mas não me importava. Cheguei à rodoviária em tempo recorde, já avistando o ônibus parado, recolhendo as coisas dos passageiros. Olhei pra todos os lados, tentando encontrar um sinal de Victor. O vi na fila da bilheteria.

Me permiti uma pausa pra respirar. Eu estava sem fôlego, completamente exausta. Pus as mãos no joelhos e baixei a cabeça, me sentindo uma completa idiota. Eu estava quase pronta pra ir até ele e pedir a ele pra ficar, quando alguém me cutucou no ombro.

Olhei pra trás, e pedi pra morrer. Pedi pra morrer, porque eu estava obviamente sendo castigada por todos os meus pecados. Primeiro o Wellington, depois o Tim, e agora isso?

- Karine? – ele parecia realmente surpreso. E não uma surpresa exatamente boa.

- Jefferson? – eu perguntei, abobalhada e sem ar. Ele me lançou um sorriso confuso.

- Quanto tempo... – ele começou a dizer, então percebeu que eu estava tendo problemas em recuperar o ar – Você parece péssima. Tudo bem?

- Só com um pouco de pressa. Se você me dá licença... – comecei a andar pra longe dele, sem acreditar que Deus tinha tido a cara-de-pau de fazer isso comigo. Não queria ficar mais um minuto nessa conversa que estava trazendo de volta a pior parte da minha vida, mas aparentemente, ele fazia questão.

- Peraí! – exclamou, segurando o meu braço. Eu fiquei parada como estava, e apenas girei minha cabeça na sua direção.

- Jefferson, eu não tenho tempo pra você, ta legal! – meus olhos se encheram de lágrimas – Droga, será que todo mundo nessa cidade ta afim de detonar a minha vida? Não foi o suficiente o que aconteceu entre a gente?

- Era disso que eu queria falar! – Jefferson disse, com uma careta. Soltou o meu braço, mas mesmo assim eu não me mexi.

- Não tem mais nada pra falar! Essa época já foi e a sua chance já se perdeu faz tempo!

- Karine, me escuta! Eu queria te pedir desculpas.

Suavizei um pouco a expressão, mas não pude parar as lágrimas. Ele torceu o nariz.

- Eu fui um idiota. Devia ter estado com você quando você precisou. Me desculpa.

Limpei o rosto rapidamente. Não gostava que ninguém me visse chorando. Funguei e assenti.

- Você está perdoado. Já passou. – eu afirmei. Ele sorriu – Agora eu tenho que ir!

Mas quando me virei pra continuar andando, Victor não estava mais ali.

Procurei-o por toda a parte. Rodei a rodoviária minúscula, chequei dentro do ônibus, perguntei pras pessoas. Ninguém o tinha visto. Como isso era possível? Ele estava ali, não podia ter simplesmente desaparecido!

Eu já estava soluçando, quando o vi saindo do banheiro.

Corri até ele e o abracei. Victor soltou um bufar, sem saber de onde eu tinha aparecido, mas me abraçou de volta. Eu soluzei em seu ombro por uns bons minutos antes de solta-lo.

- O que foi que deu em você? – ele me perguntou, soando mais preocupado do que ele deixava transparecer. Eu ri em meio às lágrimas.

- Você não foi embora! – eu exclamei, feliz da vida – Ah, meu Deus, você não foi embora! Eu não te perdi!

- Eu teria ido. – afirmou, num certo tom de ameaça – Mas não consegui mudar a data da minha passagem.

- Você não tem que ir embora! – falei – Eu estava sendo infantil, Victor! Eu confio em você, é óbvio que eu confio em você! Eu prometo de contar tudo, só não vá embora, por favor!

Ele me olhou meio desconfiado, mas então suspirou, baixou a cabeça e sorriu. Então me abraçou de novo e me deu um beijo.

- Eu te amo! – me disse. Meu sorriso se alargou.

- Eu te amo, e nunca mais vou deixar o meu passado se meter entre a gente. – segurei firme sua mão, entrelaçando os nossos dedos – Vamos logo. Tem muita coisa pra contar.

Chegamos em casa e, após um rápido almoço sem explicações – apesar do meu pai continuar lançando olhares pro meu rosto inchado e pra mala de Victor na cozinha -, nós fomos pro meu antigo quarto e eu fechei a porta. Nos sentamos na cama e eu respirei fundo.

- Talvez você ache que eu esteja exagerando, talvez você não goste nem um pouco do que vai ouvir... – comecei, tensa, tremendo – Mas a verdade é que eu menti um bocado pra você nesse tempo que nós temos namorado, Victor. Muito mesmo.

Ele não disse nada. Apenas assentiu, uma constatação do que ele já tinha percebido sozinho em poucos dias, e eu fui em frente.

- Eu nunca fui do tipo tímida. – falei – Ou pelo menos não costumava ser. Quando eu tinha treze anos, me apaixonei por um garoto da escola, e praticamente o perseguia por todos os lugares, até o dia em que ele ficou comigo. Não durou muito mais do que algumas semanas. Logo, eu me cansei dele, e comecei a olhar pros outros.

“Antes do meu aniversário de catorze anos, eu já tinha beijado mais garotos do que a minha irmã mais velha. Então eu conheci a Anita, que me apresentou pra Priscila e pra Ítala, e logo nós éramos as tops do colégio. Eu ia em festas todo final de semana, e a Mãe Idira sempre cobria a minha retaguarda, até me ajudando a fugir quando meu pai não queria que eu saísse. Acho que é por isso que ele sempre foi tão ingênuo pras coisas que eu aprontava.”

Respirei fundo, esperando alguma reação dele. Até agora, ele estava numa boa.

- Eu acabei me tornando a garota mais fácil e mais terrível da cidade. – continuei – Aos quinze, eu já tinha as piores notas e as piores companhias. Não tinha uma festa em que eu não ficasse bêbada, um cara que eu já não

tivesse beijado. O Tim, o Wellington, eles foram só dois da quantidade de caras que passaram por mim.

“A Mãe Idira e minha irmã cuidavam pra que nada chegasse aos ouvidos do meu pai, mas todo mundo sabia quem eu era. Todo mundo falava de mim. Eu achava tudo aquilo o máximo, me sentia uma celebridade. A rainha das idiotas, provavelmente. As fofocas aumentavam cada vez que eu dava um escândalo novo, desde ser pega fumando nos terrenos da escola, até quase entrar em coma alcoólico por ter bebido demais.”

Agora sim ele demonstrava alguma coisa. Victor estava com ambas as sobrancelhas erguidas, parecendo completamente perplexo. Demais pra imagem de boa moça que eu pregava pra ele, não é?

- Só que a coisa piorou quando eu estava pra fazer 17 anos. – falei – Eu conheci um outro cara, uma novidade. Nessa de beber e beijar, nós meio que acabamos... indo longe demais.

- Você... – ele começou a dizer, alto. Então parou, pôs as mãos no rosto e balançou a cabeça – Você mentiu sobre ser *virgem*?

- Eu disse que você não ia gostar. – murmurei, então respirei fundo – Só... me deixa terminar, ok?

- Certo.

- Bom, aquela noite foi uma bagunça. Eu não me lembro de muita coisa. Só sei que no outro dia, eu acordei com ele, e saí da casa dele às pressas.

“Foi esse o problema. A dona Lourdes, antiga inimiga minha e fofoqueira de plantão, estava passando na rua e me viu fugindo. Ela soube de primeira o que tinha rolado ali, e começou a comentar. O problema só fez aumentar quando, cerca de dois meses depois, eu me dei conta de que a minha menstruação não vinha, e comecei a ficar preocupada.”

O rosto de Victor dizia justamente o que eu tinha gritado quando fiz o teste de farmácia: por favor, isso não pode ser verdade! Mas era. Meu rosto ruborizado ficou ainda mais vermelho, e eu deixei algumas lágrimas escaparem.

- As coisas fugiram do meu controle, e eu contei ao único possível pai da criança. – prossegui – Ele me tratou como uma vagabunda. Me enxotou dali dizendo que ele não tinha nada com isso, que eu nem podia garantir que o filho era dele. Foi naquele dia que eu percebi o que eu tinha feito com a minha vida.

“Eu nunca descobri como foi parar nos ouvidos da dona Lourdes, mas isso nem faz mais diferença. Ela descobriu e, um dia, andando na rua, ela me encontrou e ameaçou contar pro meu pai. Eu entrei em desespero. Já estava começando a crescer, logo ia ficar difícil de negar, mas por mais que Mãe Idira me implorasse que eu devia dizer logo tudo, eu não queria que ele soubesse. Eu não queria ter aquela criança.

“Fiquei assustada com a chance de que aquela velha horrorosa abrisse a boca, e chamei Anita e as garotas pra preparar um bom susto nela. À noite, eu, ela, Priscila e Ítala fomos até a casa dela, e pichamos, riscamos e quebramos o carro. Fugimos antes que ela chamasse a polícia, mas não rápido o bastante pra impedi-la de dar queixa.

“Eu fui a única a ser acusada e a única a ir presa. Disso o meu pai ficou sabendo, e nunca o vi tão furioso do que quando teve que ir pagar a minha fiança, além de todo o dinheiro que gastou pra recompensar a velha. Mas ela entendeu o recado e ficou de bico calado. Meu estresse era tamanho que em poucos dias, Mãe Idira teve que chamar uma ambulância, porque eu estava sangrando sem parar.”

Eu não tinha coragem de olhar pra ele. Eu nunca tinha dito nada a ninguém, e contar tantos podres justamente pra ele era uma missão difícil de encarar de queixo erguido. Respirei fundo, tentando parar a enxurrada de lágrimas.

- Tive sorte de o meu pai nunca ter descoberto a verdade. Nem sei o que contaram pra ele. – soluzei – Mas quando saí daquele hospital, as coisas não eram iguais. Eu não saía tanto, não olhava mais pra ninguém. Eu tinha vergonha de ser quem eu era, só queria começar de novo. Então comecei a estudar pra entrar numa faculdade pública, longe daqui.

“Me senti aliviada quando fui aprovada, e ainda mais quando subi no ônibus e dei adeus a essa cidade. O tempo todo, eu só pensava em não me envolver em encrencas, em andar com as pessoas certas, em ser uma garota melhor. Então você apareceu, e apesar de todo o meu medo e de todas as mentiras... você foi a única coisa certa que eu fiz na vida, Victor!”

Ele sorriu pra mim. Então me abraçou e me deu um beijo no ombro.

- Eu estou feliz que você tenha se aberto comigo. – disse, no meu ouvido – E eu não ligo pra nada do que aconteceu, sabia?

- C-como? – soluzei, soltando-o pra encará-lo melhor – Como não?

- Sem isso tudo que você me contou, você não seria quem você é hoje. – Victor me disse, calmamente, acolhendo meu rosto entre as suas mãos – Eu talvez nem tivesse te conhecido. Sem esse monte de erros, você não seria a garota que eu amo hoje.

- Então você me perdoa por tudo? Pelas mentiras, pela falsidade...?

- Você nunca fingiu ser uma coisa que você não é, Karine. Essa pessoa que eu conheci e por quem eu me apaixonei, ela é a versão nova e melhorada de você mesma. Você me escondeu muita coisa, mas agora não faz mais diferença. E quer saber?

- O quê?

Ele me olhou e me deu um selinho, me fazendo sorrir.

- Eu te amo mais agora por ter sido tão forte. – falou.

Eu o abracei de novo, finalmente deixando de verdade para trás meu passado, minha vergonha, e a velha Karine.